

Em Busca de uma Identidade Perdida

Cosme Damião da Silva

(UFMG)

O problema da identidade, do perfil do professor de Português está relacionado, parece, com questões tais como:

Em que se baseia essa identidade? O que se pretende com essa identidade?

Preliminarmente, seria oportuno verificar se tal identidade se baseia numa ciência pura, ou numa ciência compromissada.

Por ciência pura podemos entender um conjunto de princípios (ou uma teoria) sem vínculo necessário com uma realidade.

Com relação ao estudo da linguagem, poderíamos imaginar um conjunto de regras que podem ser confirmadas ou não por dados lingüísticos posteriores.

Uma ciência dessa natureza poderia servir de subsídio na busca da identidade de uma disciplina chamada Língua Portuguesa?

Se essa ciência tiver algum vínculo com a realidade, acredito que poderá ser de alguma valia para a explicitação dos dados; se não tiver, poderá ser um mero exercício verbal.

Uma ciência compromissada, por sua vez, deverá partir da realidade, deverá nascer de uma análise da realidade, deverá brotar da análise dos dados passados e presentes. E essa tarefa implica um vínculo: portanto, um compromisso com o passado e o presente.

Daí se conclui que essa ciência constituirá, pura e simplesmente, num levantamento de dados? E aí se encerra a sua tarefa?

Se assim for, essa ciência deixará de ser compromissada e se tornará apenas uma constatação.

Estamos então diante de um impasse:

Se ficamos com a ciência pura, corremos o risco de tomar como ponto de partida um objeto vago, descaracterizado e tão desvinculado da realidade que podemos ter a impressão de que tal objeto não existe.

Se ficarmos com a mera constatação dos dados, podemos ter a impressão de que estudar a língua não passa de mera tautologia: a língua é assim porque é assim.

E a questão do compromisso, onde situá-la?

Compromisso implica um posicionamento, uma tomada de posição (que não poderá ser necessariamente neutra) diante de uma realidade.

E o compromisso implica, também, um comprometimento com a história.

Nessa linha de raciocínio, imagino que o estudo da Língua Portuguesa não pode deixar de considerar a perspectiva diacrônica, sem a qual parte do comprometimento estará deixada de lado.

De outro lado, esse estudo deverá levar em conta, outrossim, o comprometimento com o presente, sem o qual se corre o risco de abordar um objeto fossilizado, estagnado, sem vinculação com a realidade atual.

Onde, então, detectar essa realidade do passado, se o passado não mais existe?

Onde, então detectar essa realidade do presente, se o presente, no momento em que é captado, já se tornou passado?

Aqui caberia segundo parece uma distinção entre continuísmo e continuidade.

Se se estuda o passado pelo passado, fica-se apenas num continuísmo estagnado e estagnante; portanto, irreal.

Mas se se toma o estudo do passado, sob a ótica do presente, cria-se a condição de continuidade. E não se corre o risco de se repetirem fórmulas do passado que não tenham compromisso ou engajamento com o presente.

A perspectiva de um presente contínuo nos permitirá, ao mesmo tempo, não perder de vista o que o passado mantém de continuidade, bem como verificar o que está acontecendo aqui e agora, enquanto continuação do passado e enquanto projeção de tendências atuais da língua no seu comprometimento com a realidade que nos cerca.

Concretamente, o que, pois, nos caberá fazer?

Em primeiro lugar, partir da observação dos dados e verificar o que neles presentemente mantém ou não vínculo com o passado.

Em segundo lugar, a partir do passado, fazer uma análise dos dados e verificar em que medida eles, os dados, estabelecem uma ligação com a história, ou em que medida tais dados encerram um corte com o que vem sendo mantido na continuidade lingüística.

A nossa tarefa constituirá, por conseguinte, numa tentativa de verificar, através dos dados, se está havendo ou não uma solução de continuidade.

Em terceiro lugar, selecionar os dados que possam ajudar-nos a estabelecer vínculos entre o passado e o presente.

Com relação ao passado, onde, de fato, identificar os dados?

No estudo puro e simples do latim?

Pode-se correr o risco de achar que o latim já traz, em seu bojo, tudo o que deveria ser feito. E haveria a partir daí uma solução de continuidade, caindo-se, por consequência, num continuísmo.

De outro lado, se se ficar somente na observação dos dados atuais, correr-se-á o risco de se pensar que a língua é somente o que está presente no momento em que se selecionam fatos lingüísticos contemporâneos. E a partir daí se perderá a noção de continuidade, como se a língua fosse um milagre que se apresenta a cada momento, mas sem vinculação com tudo o que se produziu no passado.

Diante do exposto, parece necessário que se faça um estudo de dados do presente, simultaneamente com dados do passado, a fim de se poder identificar como, através desse confronto, a língua se mantém como um *continuum* no correr dos tempos, a par de todas as transformações.

Em quarto lugar, como ficaria o estudo da Gramática, nessa perspectiva que vimos sugerindo?

Certamente, não estará num estudo simplista da gramática latina. Nem, talvez, no estudo teórico de uma gramática, a mais avançada, a mais recente que seja.

Assim como se deve procurar elaborar uma gramática fundada em dados através dos tempos, urge que se tente elaborar uma gramática fundada em dados atuais.

Em síntese, dado que o professor de Português não pode pura e simplesmente romper com o passado da língua, nem ater-se exclusivamente

ao uso atual da língua, o que lhe restará fazer? O que lhe estará reservado quanto ao futuro?

Se se ativer unicamente ao passado, correrá o risco de sua atuação não ter ressonância, já que o estudo do passado pelo passado pode ser mero saudosismo.

Se se ativer somente ao presente, correrá o risco de nada acrescentar a sua atividade, já que a mera constatação do que já está aí, pode implicar, também, a ilusão da presença de uma língua que, de fato, não se detém.

Já que a língua está sempre em mudança para atender às necessidades de comunicação e representação, parece que, segundo a nossa proposta, caberá ao professor do Português estar atento às virtualidades da língua, através da reflexão e da pesquisa. Com efeito, dado o contínuo e incessante transformar-se da língua, ainda que preocupado com a perspectiva histórica, vêm a calhar para nós as seguintes palavras de José Américo Motta Peçanha:

“a história é um processo – na acepção jurídica – sempre aberto, sempre passível de revisão. E o encaminhamento desse processo é de inteira responsabilidade dos homens: os historiadores que examinam, interpretam, julgam, argumentam, utilizando diferentes métodos e categorias, mas sem a desmesura e o autoritarismo de quem pretende dizer a palavra final e silenciadora, em nome de verdade absoluta.”¹

Na verdade, conclui Motta Peçanha:

“Sua objetividade não é dada, mas construída e permanentemente retificada, pela confrontação entre os ‘depoimentos’ dos historiadores, armados de diferentes categorias e interpretações.”²

Enfim, vale para nós o que nos diz Eugênio Coseriu, a propósito da mudança lingüística:

¹ PEÇANHA, José Américo Motta. História e ficção: o sonho e a vigília. In: *A narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 297.

² PEÇANHA. Op. cit. p. 297.

“A língua funciona sincronicamente e é constituída diacronicamente.”³

³ CORISEU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.